

♥ Soror Laura do Menino Deus ♥



NOVA, muito nova ainda, num frescor alado de bebé traquinas, o velho convento das Anunciadas, viçava na candura toda oiro e jaspe da sua figurinha de bonbonière, a um tempo sentimental e voluntariosa. Docil como uma corça ado-

lescente, franzina como uma verbena por abril, mimosa como uma filigrana que entreluz, dirieis, vendo Laura deambular sob a arcada dos claustros, que o luar da aurora se familiarizara com os logares-santos do desterro e da renúncia.

Bem querida por todo o cortejo monacal, velhas madres que o ascetismo emaciara, freiras de perfil velido pungidas no cilício da penitência, noviças aguardando a hora espiritual da visitação, a pequenina abandonada ia medrando sobre as lagens morenas, como uma fronde de hera propulsa dentre os escombros calcinados de uma cripta. Avesinha sem ninho em frouxel que de distante sobrevem a foragir-se num beiral taciturno, encantando-nos com o oiro fino da sua garganta sonora, Laura era — porque não sonhal-o? — mensageira da bemaventurança divina na ordem que dez virtudes adoptara para regra austera: — a Castidade, a Prudência, a Humildade, a Fé, o Recolhimento, a Obediência, a Pobreza, a Paciência, a Piedade e a Misericórdia...

Sem pae nem mãe que lhe concedessem um nome — oh! meu Deus, quão alto anda erguido o feixe de sol rutilo que concede perfume á corola dulcida da cecem! — ela transpoz certa tardinha afável de novena a portaria do convento, exorando mãos postas a acolhessem no seio místico da graça

Conto por SEVERO PORTELA

ILLUSTRAÇÕES DE ROQUE GAMEIRO

que, em extasis, adora. Floriam palmitos no altar ante os pés da Virgem, a egreja era estrelada de cirios votivos, do órgão ascendia a ladainha exultante de pureza, todas de azul as Anunciadas comunicavam com o angelico espirito a esperança maravilhosa de resgate, por medo que o soluçar infantil, irrompendo em plena graça, logo ahi fôra tomado como prenuncio de perduraveis indulgencias:

Rosa mystica.
Turris eburnea.
Domus aurea.
Fœderis arca.
Janua cœli.

Como as glicínias da cêrca a cada primavera mais para o ceo erguendo os seus braços extacticos, mais cada ano Laura desentranhava primicias, a sua juventude alegrando o velho mosteiro das Anunciadas num cascalhar argentino a que os sinos ripostavam ecoando no espaço translucido um repicar

eucarístico. Os quinze anos da educanda eram oferenda de misericórdia deposta no regaço bemdito da Virgem, repartindo os seus desvelos de Mater Admirabilis entre o bambino que ergue ao colo e a abandonada que o convento adoptara como irmã. Dispensavam-na das matinas para que a não maltratasse o ar glaciado dos claustros, concediam-lhe folgar sob as cariatídes do horto, as noviças improvisavam-lhe capuchas e escapulários, a comunidade estremecia em mundanaes zelos pela intrusa que viera interpor-se entre os votos de renúncia perene e as cinzas mornas de aqueles corações amargurados. A mocidade de Laura destacava-se, a pouco e pouco, no horizonte de nevoa cris que a clausura melancolisava, como se destaca num baixo-relevo tumular a harmoniosa imagem que simbolise a magia efêmera da aurora, da illusão ou do amor...

As bucles côr de amendoa assomavam-lhe tufadas na fimbria do escapulario, os dedos contrahiam-se-lhe elasticos se disfarçando a renda de um sorriso, o seio havia pouco em inércia surto pruíra-lhe o busto para acoitar duas rolas friorentas. Pelo character, Laura, entretanto, trahia impetuosidades de creança que adolece confrangida e, por isso, a todo o momento exubera traqui-narias que comovem, tão fóra de sação é quando lograram elucidir. Nos claustros que os seculos viram ermar em beatitudes, sob a arcaria das capelas onde revoadas de almas se crucificaram no mysterio da Anunciação, ao longo das lagens sepulcraes aonde proseguíam orando as freiras mortas, nas celas exiguas que se fechavam sobre os jejuns das que ao amor do ceo se votam ardorosas, ela era, mais e mais, um serafim que se desprende do extasis em que o esculpiram por sobre o altar-mór e que vae, azas abertas, trombeta doirada em riste, aturdindo a solidade monastica que, surpresa, desperta de seu letargo, e a abenço-a sentindo-a perpassar toda oiro e jaspe, a um tempo sentimental e voluntariosa...

II

D'est'arte fôra que uma das religiosas mais recentemente professas na ordem azul celeste, ordem que Joana de Valois instituiu em honra do maior dos mysterios da religião, se lembrou de entrete-

cer para a adolescencia de Laura orfanada e pobresinha nem mais nem menos que uma boneca. Cumpulsando os monasticones, nos quaes entre cheiros de santidade e fulgores de illuminura se arquivava perpetua a cronica das freiras da Anunciada, verifica-se ser este insolito evento — oh! meu Deus, se da cova em que o cadaver apodrece brotam mimosas, como não brotar do coração exangue das esposas do Senhor relembranças da quadra em que foram moças e meninas!? — aquilo que mais doloroso brado arrancou á cristandade, nada propensa, outr'ora, a tresvarios. Liquido é, porém, que de serão para serão o entesinho de talagarça e holandilha maiores desvelos solicitava, a comunidade cercando a irmã artifice numa inquietação de creanças cujos olhitos esbugalhados anseiam presenciar o milagre que se lhes promete... Dedos que o extertor das resas havia enclavinado, fronteiras que o halito do incenso fizera entontecer, geitos de menagère que o amor divino obliterara em plena florescencia, eis a boneca que nasce linda e glaciil transfigurando a fisionomia do côro tristissimo, a desentranhal-o em laçarias que avoejam, pelerines que enfeitam, alamares que scintilam, dama taful que a imaginação dos bebés arrebatava pelos salões armoriados, empolgando todo o mundo pelo donaire com que a vestiram

ante a psiché reveladora as aias solícitas e caprichosas! Por todos aqueles corações que a mistica andára isentando da terra com seus requebros despontavam, então, evocações de affectos passados, memorias de existencias delidas, saudades de paixões frustradas, as religiosas castissimas da Anunciada sugerindo o pecado roseo de mulheres que, um dia remoto, souberam haver sido lindas, para linda, agora, adornarem a boneca que vae passar aos braços de Laura, a florir uma juventude sem arrimo de ventura. E era de vêr como do sepulcro votivo se erguiam palidos os vultos que o luar dos vidraes incendera de espiritualidades para, de colloquio com a educanda, porfiarem em ternuras de vóvós tontinhas, sorrindo com as boquitas murchas á boneca, não já vestida de princeza de conto de fadas, mas de pastorinha tímida de presepio, mas de beguina amortalhada para noviciado prestes... Um ar oirescente de candura descia sobre as cabecitas acurvadas na confecção do enxoval feminil, Deus, no ceo congeminando quanto ao crepitar blandicioso dessa chãmasinha de maternidade entresonhada. Rebuscava-se o fundo dos arcazes de tuia em demanda de antigos brocados, exhumavam-se dos vestiarios plumas obsole-

tas, desfiava-se a lhama dos paramentos puidos da traça e, cada qual, a ocultas da abadessa, era rebanhar para o açodado rancho aquilo de galanteria ou de espavento que contribuir podesse a luzir o polichinelo que lhes ourava a imaginação ingenua de creanças prisioneiras. Laura em nada se destacava no côro airoso, a sua infancia de educanda diluida na senectude das monjas, para todas, desoladas noivas misticas, com a mesma voz de oiro o Arcanjo exclamando: — bemdita és tu entre as mulheres, avê, cheia de graça...

III

No convento das Anunciadas celestes, a ordem escrava das dez incomparaveis virtudes de nossa Mãe Santissima, a Castidade, a Prudencia, a Humildade, a Fé, o Recolhimento, a Obediencia, a Pobreza, a Paciencia, a Piedade e a Misericórdia adveio, nesse ano, a vespera de Natal sem que as professas se lembrassem cuidar, como lhe era dever, do berço do Deus-Menino. A veneranda abadessa, a

quem o Esposo annunciára que não aguardaria demasiado tempo para se recolher no seio dulcissimo, soluçava amarrada no catre a extrema consumpção, a par que petrechava a alma para a jornada de luz onde teorias de querubins eram prestes a acompanhá-la. Ninguém, ninguém portanto, no mosteiro consideraria que ia sobrevir a noite em que Jesus nasce numa hora sacrosanta de redempção se, acaso, a irmã rodeira, logo ao dealbar da aurora, não abalasse os sinos numa epifania vibrante de festividade. Natal! Natal! E a assumção antifonaria do bronze foi revoada poisando, de vale em vale, a prometter o amor, a paz, a doçura...

Quedaram-se, todavia, transidas as Anunciadas como se, no instante, mirassem o castigo devido á profanação. Esqueceram os cuidados do Salvador que ia nascer, pelas cancelas que lhe disputava a bonequilha de trapo! Heresia! Heresia!

Era costume tradicional moverem-se os gonzo das portas, os fieis sobrevirem ao bater meia-noite, clamar-se finda a missa gloria a Deus nas alturas, mas para solenidade tamanha como, repente, enramilhetar altares, provêr de rosas as banquetas, renovar o incenso pelos turibulos, receber a prelazia, a côrte, os ricos-homens?! Ah! a boneca de Laura disfarçava, não restasse duvida, o rastro do espirito maligno que vinha



Porfiarem em ternuras de vóvós tontinhas...

tental-as na obediência prescripta, para o que cavara já as voragens em que premeditára sepultal-as com vida! E assombradas, e desvairadas, as pobres monjas celestes que por devêr têm honrar o maior dos mistérios da religião, debulhavam-se

em que o Arcanjo se deteve ante a casinha alpendrada de Nazareth a recitar o ditirambo da graça que lhe conferiu não era, decerto, mais candido o esmalte das pupilas que prescrutam a intenção reparadora da educanda... A nave erma e vasta mer-



Depois de espreitar na face da Senhora um sorriso aquiescente...

em pranto, suplicando, não que a morte lhes fosse poupada, mas, ao menos, lhes permitissem comungar a vez derradeira...

Laura, corrugando o sobrecenho setineo, fitou na boneca ataviada olhítos de madona voluntariosa. Num pronto desceu á igreja onde, de Menino nos braços, a Virgem era mirando o feixe de luz que se filtrava da alampada fronteira. Na tarde

gulha no extasis da penumbra, as colunatas figuram-se irmãs a par immobilizadas, o vento nas gelosias ao dismantelo desfere raios de agonia, de modo que, foi só depois de espreitar na face da Senhora um sorriso aquiescente, que Laura corre a depôr no berço vasio do Menino-Deus a boneca que levava aconchegada no seio... Bem quizerá poder altear-se aos braços da

Virgem, pedir-lhe para deles levar Jesus-Pequenino e, como vira fazer-se um ano antes, deital-o carinhosa nas palhinhas fulvas do presepio. O altar, entretanto, quedava-se lá tão sobranceiro...

De ahí a nada entrava afoita a irmã rodeira e empoz o sequito das monjas a improvisarem as decorações rituaes.

Correram-se os damascos das capelas jacentes, depuzeram-se ramos por todos os altares, renovaram-se os cirios nos tocheiros, Laura de franzinas mãos avantajava-se no fervor geral como se para ella só é que luzisse a bondade do Filho de Deus...

Quando entre as religiosas celestes começava de correr, qual vibora que se entra-nha, que quem jazia entre lençoes de renda era a boneca que todas aquellas mãos sacrilegas haviam entretecido, e não Deus-Menino esquecido em sua noite de festividade, já as monjas estavam, de frente prostrada, orando e o orgão enviava aos corações confiados os seus acordes de hossana...

IV

Acabou a Missa do Galo, a veneranda priora desce a beijar pela ultima vez o Menino, á congregação estremece o coração no peito amparando-a, vae denuncial-as a fraude que para a eternidade as perderá irremissivel! O cortejo aponta aos degraus da nave, abre filas o concurso silen-

cioso dos devotos, o orgão rebôa como se anjos o vibrassem, os lumes scintilam na magia da estrelinha dos Magos, repicam os sinos na torre aclamando a hora triunfante de resgate e oh! maravilha, Deus-Menino, da arribana dos Pastores, estende os braços tenros, logo intentando a todos abraçar em amplexo de amor! Como fôra, como fôra!?

A lenda do milagre ainda agora subsiste inalteravel, a despeito dos seculos que sobre ella vão transcorridos.

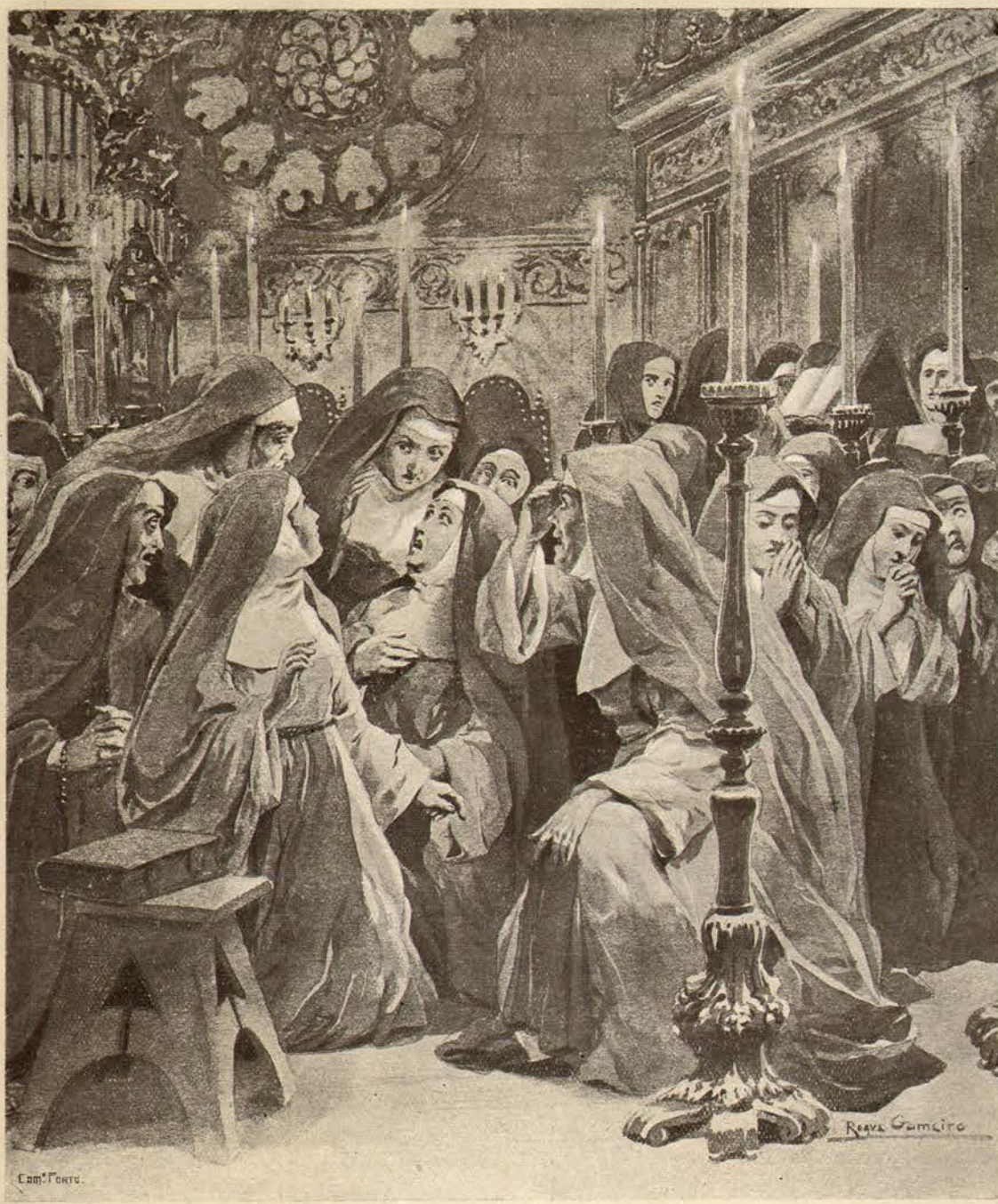
Nossa Senhora condoida guardou numa das pregas de seu manto a boneca de Laura, e depoz no presepio o Menino-Jesus, evitando que as Anunciadas pecassem, uma vez que elas, segundo a ordem, usam azul o rosario, o habito, o cordão, as sandalias, o escapulario...

Cinco anos depois Laura professava, recolhendo para nome religioso aquele com que já era celebrada, o de Soror Laura do Menino-Deus.

Morreu octogenaria, havendo sido abadesa de santo renome das Anunciadas, — e é perante o retabulo que a figura, tendo num dos braços uma boneca e no outro o bambino da Virgem, que desfilam na minha aldeia

os pequenitos antes de começarem a enfeitar a arvore de Natal.

Laus Deo.



Quando entre as religiosas celestes...

